

Percursos pedestres e turismo de passeio pedestre em Portugal¹

Footpaths and walking tourism in Portugal

Zília Tovar (TOVAR, Z.)^{*} e
Paulo Carvalho (CARVALHO, P.)^{**}

RESUMO – A prática de andar a pé em trilhos sinalizados, ou pedestrianismo, é uma actividade com elevadas perspectivas de crescimento. Para facilitar a sua prática foram criados percursos pedestres sinalizados que têm por finalidade conduzir os praticantes que os percorrem. O crescente número de praticantes elevou a prática de um lazer informal a uma verdadeira acção turística. Em Portugal existem quase 3500 quilómetros de percursos pedestres homologados e também existe um relevante conjunto de operadores (nacionais e estrangeiros) especializados na oferta de produtos de turismo de passeio pedestre. A distribuição espacial dos percursos pedestres homologados existentes em Portugal mostra a relevância das áreas de montanha e das áreas de grande interesse natural para o desenvolvimento deste tipo de infraestrutura. Os programas de turismo de passeio pedestre oferecidos pelas empresas que operam em Portugal mostram também a importância destas áreas, o que se considera constituir uma oportunidade para a revitalização de alguns territórios deprimidos.

Palavras-chave: Percursos Pedestres; Turismo de Passeio Pedestre; Portugal.

ABSTRACT – Walking is an increasingly motivating activity, which is getting more and more adepts everywhere. Flagged footpaths have been and are still created in order to offer guidance and to make this activity easier and safer for those interested in such ways of getting to know a country or a region. The present article is focused on footpaths and walking tourism in Portugal. It aims at assessing the dimension and territorial expression of this reality by analysing the existing resources and the available walking tourism programs. In Portugal there are nearly 3500 kilometres of walking trails, especially in mountain areas and areas of high natural interest. There is also a relevant set of operators (domestic and foreign) specialized in providing walking tourism programs. The main walking tourism destinations in Portugal are also the mountain areas and places of high natural interest. Walking tourism is an opportunity to revitalize these areas.

Key words: Footpaths; Walking Tourism; Portugal.

¹ Versão publicada em idioma português de Portugal.

^{*} Licenciada em Gestão e Planeamento em Turismo (Universidade de Aveiro). Mestre em Turismo (Gestão Estratégica de Destinos Turísticos, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril). Técnica Superior da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Endereço: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Largo dos Paços do Concelho. 7050-127 - Montemor-o-Novo - Portugal. E-mail: ztovar@gmail.com

^{**} Licenciado, Mestre e Doutor em Geografia (Universidade de Coimbra). Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (Universidades de Coimbra, Porto e Braga). Docente do Programa de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura da Universidade de Coimbra. Endereço: Faculdade de Letras. Largo da Porta Férrea. 3004-530 – Coimbra - Portugal. E-mail: paulo.carvalho@fl.uc.pt

1 INTRODUÇÃO

A actividade de percorrer distâncias a pé em trilhos sinalizados (pedestrianismo) permite um contacto próximo com a paisagem, explorar locais de outra forma inacessíveis e promove o bem-estar e qualidade de vida dos que o praticam (CALIXTO e DORES, 2008).

Expressões, em português, como caminhar, andar a pé, praticar pedestrianismo, ou *walking*, *hiking* (EUA) ou *rambling* (Reino Unido), em inglês, encontram-se na literatura e referem-se todas à mesma actividade de andar a pé, em trilhos sinalizados ou promovidos para esse fim. A palavra *trekking*, também associada à mesma actividade, utiliza-se para designar as deslocações a pé, de alguns dias, em grande parte através de carreiros ou trilhos, em áreas montanhosas sem ligação a outras vias de comunicação (BIETOLINI, 2007).

O pedestrianismo apresenta um conjunto de características que contribuem para a sua popularidade e crescimento entre as actividades de lazer (HALL e PAGE, 2006; PEARCE e BUTLER, 2005), designadamente: é uma actividade de baixo custo para o praticante, pouco exigente em termos de forma física, sendo praticado por mulheres, crianças e pessoas pertencentes às faixas etárias mais elevadas. A oferta de percursos sinalizados é cada vez mais abrangente em termos geográficos, tornando a actividade cada vez mais acessível a um maior número de pessoas (TOVAR, 2010).

Segundo Kouchner e Lyard (2001), o pedestrianismo envolve cerca de 3 milhões de praticantes em Itália e França, 10 milhões no Reino Unido e 30% dos suecos dedicam-se ao passeio em florestas ou caminhos rurais. Estes autores afirmam ainda que esta actividade está em forte expansão em todos os países.

Embora não seja fácil encontrar dados sobre o número de praticantes de pedestrianismo, é notória a dimensão da actividade, a nível europeu, pela quantidade de grupos organizados ligados à prática de andar a pé. De acordo com Tovar (2010) a European Rambler's Association (ERA), fundada em 1969 na Alemanha, com os objectivos de criação e melhoria de condições para a prática de pedestrianismo, integra mais de 50 organizações, de 26 países europeus e conta com cerca de 5 milhões de membros individuais.

O desenvolvimento do pedestrianismo e dos percursos pedestres é relativamente recente em Portugal, apontando-se a década de 90 (século XX) como uma referência incontornável neste domínio, com a divulgação das normas de marcação, a sinalização dos primeiros percursos, a edição das primeiras publicações e o incremento da organização destas actividades (RODRIGUES, 2004; TOVAR, 2010).

O presente artigo explora o tema dos percursos pedestres e turismo de passeio pedestre em Portugal, avaliando a sua dimensão e expressão territorial, através da análise dos percursos homologados existentes e dos programas de turismo de passeio pedestre disponíveis no mercado. Analisando a expressão territorial dos percursos existentes e dos destinos nos programas de turismo de passeio pedestre em Portugal são identificadas áreas, com características semelhantes, de maior potencial de desenvolvimento do turismo de passeio pedestre.

O objectivo geral é o de contribuir para um melhor conhecimento da expressão territorial dos percursos pedestres e do turismo de passeio pedestre em Portugal. São objectivos específicos: analisar a distribuição geográfica da oferta de percursos pedestres em Portugal; identificar os principais operadores de turismo de passeio pedestre em Portugal; analisar os programas de turismo de passeio pedestre em Portugal, identificando os principais destinos; analisar a expressão territorial do turismo de passeio pedestre em Portugal; e identificar tipologias de áreas com maior potencial de desenvolvimento do turismo de passeio pedestre.

A prossecução do trabalho assentou na seguinte metodologia: análise documental alicerçada em publicações científicas, técnicas e promocionais sobre o tema em geral; pesquisa e análise da distribuição geográfica dos percursos pedestres em Portugal, considerando a informação disponibilizada *on-line* pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (2009), relativa aos percursos pedestres homologados; análise da distribuição geográfica dos percursos, através de cartografia produzida com base no Atlas Português do Ambiente do Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território (2010); identificação dos operadores portugueses de turismo de passeio pedestre em Portugal, através de informação do Turismo de Portugal, disponível *on-line*; identificação dos operadores estrangeiros de turismo de passeio pedestre em Portugal, através de pesquisa no motor de busca *Google*, inserindo as expressões “*walk in Portugal*” e “*walking holidays Portugal*”; consulta e análise da

informação sobre programas de turismo de passeio pedestre, nas páginas de Internet dos operadores identificados.

A exposição do tema estrutura-se em quatro partes. A primeira introduz o tema e apresenta os objectivos, metodologia e organização do trabalho. A segunda parte apresenta dados quantitativos sobre os percursos pedestres homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, bem como a sua distribuição territorial. Na terceira parte, após a identificação dos operadores de turismo de passeio pedestre em Portugal, caracterizando-os de acordo com a sua origem e os destinos turísticos em que operam, apresenta-se uma análise da oferta de programas de turismo de passeio pedestre no país, enfatizando os destinos. Por fim, as conclusões mostram um panorama territorial dos percursos pedestres e do turismo de passeio pedestre em Portugal e identificam características comuns que estas áreas apresentam.

2 PERCURSOS PEDESTRES

Os percursos pedestres, ou trilhos, constituem a principal infra-estrutura ou equipamento para a prática de pedestrianismo. São caminhos, marcados ou não, que são promovidos e divulgados² com esse propósito. São mais ou menos informais, tal como pode ser a própria actividade de pedestrianismo. A sua concepção não obedece a regras rígidas e uniformes quanto, por exemplo, à localização, aos utilizadores, à forma³, à extensão, à sinalização e à manutenção.

² A edição de guias de percursos pedestres pretende criar condições para a protecção, a valorização e a fruição das paisagens mais autênticas e emblemáticas de cada região, disponibilizando aos potenciais interessados um conjunto de informação em torno de percursos seleccionados em função de critérios como o estado de conservação, a segurança, a existência de material de divulgação e de painéis de informação e sinalética, a presença de valores naturais, culturais e paisagísticos relevantes, entre outros.

³ No que diz respeito à forma, os percursos pedestres são classificados na maioria das publicações especializadas em percursos lineares/abertos (quando começam e terminam em locais diferentes) ou circulares/fechados (quando começam e terminam no mesmo local). Em relação à extensão, é possível distinguir os percursos pedestres de grande rota (GR), em geral superiores a 30 quilómetros, que atravessam regiões ou mesmo países, e que não se conseguem percorrer em um dia, e os percursos pedestres de pequena rota (PR) que não excedem os 30 quilómetros e podem ser percorridos em uma única jornada. Recentemente foram também considerados os percursos pedestres locais (PL) cuja totalidade ou mais de metade do trajecto decorre em contexto urbano. Branco e vermelho, amarelo e vermelho, e verde e branco são as cores utilizadas para sinalizar estes diferentes percursos, respectivamente.

De acordo com a European Ramblers Association (2009), a Europa é atravessada por uma rede de 11 percursos de Grande Rota, num total de quase 55000 quilómetros, que se desenvolvem através de vários países. Estes percursos constituem eixos de uma imensa rede que integra milhares de quilómetros de percursos locais, de dimensão variável que satisfazem diferentes tipos de utilizadores. Alguns países da Europa têm longa tradição na actividade de pedestrianismo, uma vasta rede de percursos sinalizados e bons materiais de divulgação, destacando-se a Áustria, a França, a Alemanha, a Grã-Bretanha e a Suíça. Países como a Dinamarca, Hungria, Luxemburgo e Suécia, apresentam uma rede de percursos pedestres complementada por abrigos e outros locais de alojamento turístico, permitindo a pernoita dos pedestrianistas ao longo dos itinerários.

Os territórios de montanha, pela sua especificidade, tiveram e continuam a representar um papel importante no desenvolvimento do pedestrianismo. Os Alpes, os Pirinéus e os Picos da Europa são destinos de referência, com uma ampla oferta de possíveis percursos pedestres, com bons suportes de informação, traduzidos em várias línguas, serviços de guia, e estruturas de apoio, como alojamento e abrigos, nas proximidades dos percursos.

Em Portugal existem quase 3500 quilómetros de percursos pedestres homologados, distribuídos pela totalidade do território nacional, com excepção do arquipélago dos Açores (onde existe uma importante oferta deste tipo de equipamento, embora não homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (TOVAR, 2010).

Destacam-se as regiões Norte (1025,6 km), Centro (761,5 km) e Algarve (755,8 km), que em conjunto perfazem 2542,9 km de percursos pedestres homologados, ou seja, 76% do total. O total de quilómetros de percursos apresentado corresponde a percursos de pequena rota e percursos de grande rota, sendo a maioria de pequena rota (cerca de 71%), ou seja, percursos que se percorrem numa jornada, geralmente com extensão inferior a 30 km. (TOVAR, 2010).

Relativamente a estes últimos, o território continental português apresenta 98,8% do número de percursos pedestres de pequena rota e concentra 99,2% do total de quilómetros. A região Norte é a região com maior número e total de quilómetros de percursos pedestres de pequena rota, seguindo-se a região Centro, o Algarve, o Alentejo

e Lisboa e Vale do Tejo. A região da Madeira tem apenas 3 percursos pedestres, com um total de 18,8 km (TOVAR, 2010).

Considerando todos os percursos pedestres homologados (figura 1), Tovar (2010) refere que os concelhos em que existe maior número de quilómetros de percursos homologados, com mais de 80 quilómetros de percursos, se situam em áreas de grande interesse natural (com estatutos de protecção nacional e internacional), como são os casos dos seguintes municípios:

- Terras de Bouro e Montalegre, no Parque Nacional da Peneda-Gerês, e o concelho vizinho de Vieira do Minho;
- Arouca, que integra a Zona Especial de Conservação (ZEC) das Serras da Freita e Arada;
- Idanha-a-Nova, com a Zona de Protecção Especial (ZPE) Tejo Internacional, Erges e Pônsul;
- Nisa, muito próximo do Parque Natural da Serra de S. Mamede, com grande parte da sua área na ZEC de São Mamede;
- Porto de Mós, no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros;
- Cadaval, na Área de Paisagem Protegida da Serra de Montejunto;
- Sintra, no Parque Natural de Sintra-Cascais;
- Grândola, que integra a ZEC Comporta/Galé;
- Loulé e Tavira, no Parque Natural da Ria Formosa;
- Alcoutim, que integra a ZEC Guadiana.

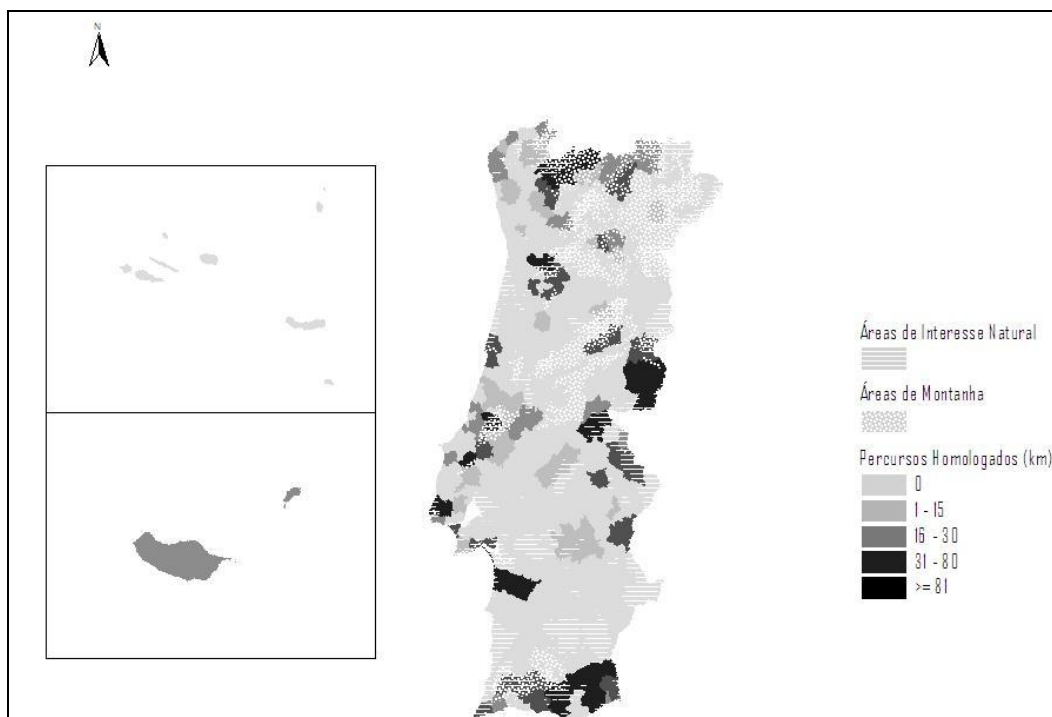


FIGURA 1 - PERCURSOS PEDESTRES HOMOLOGADOS EM PORTUGAL⁴ (2010)
 FONTE: TOVAR (2010, p. 51).

É ainda de realçar que estes concelhos, que dominam o panorama nacional em termos de quilómetros de percursos pedestres homologados, têm no seu território importantes áreas de montanha, como as Serras da Peneda e Gerês, Serra da Freita, Serra de Penha Garcia, Serras de Aire e Candeeiros, Serra de Montejunto, Serra de Sintra, Serra de Grândola, Serra de S. Mamede e Serra do Caldeirão.

Os concelhos que se enquadram no nível imediatamente abaixo, em número de quilómetros de percursos homologados, na categoria “31-80 km”, são concelhos que se situam na vizinhança dos primeiros. Destacam-se áreas formadas por conjuntos de concelhos, vizinhos uns dos outros, com assinalável ocorrência de percursos pedestres homologados, a saber:

- A área junto à fronteira Norte do país, desde Melgaço até Bragança, que se estende para Sul englobando os concelhos de Guimarães e Amarante, estendendo-se pelo litoral, entre Valença e Póvoa do Varzim;
- A área de Arouca, S. Pedro do Sul e Vouzela;
- A área de Penamacor e Idanha-a-Nova;

⁴ Portugal continental e arquipélagos dos Açores e da Madeira.

– A região das Serras de Aire e Candeeiros e Serra de Montejunto e o seu prolongamento para o litoral, formando uma faixa, nem sempre contínua, entre Leiria e Grândola;

– Por fim, a terceira área do país em número de quilómetros de percursos homologados (a região do Algarve) que apresenta uma superfície bem definida e de expressiva continuidade.

Analisando a expressão territorial dos percursos pedestres homologados, existentes em Portugal, verifica-se que a oferta é maior em áreas de montanha e de elevado interesse natural (como a Rede Nacional de Áreas Protegidas e a Rede Natura 2000) – figura 1.

3 TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE

Existem operadores turísticos especializados na venda de produtos de turismo de passeio pedestre. Organizam programas de vários dias de caminhadas em diferentes destinos do globo.

Os produtos de turismo de passeio pedestre podem assumir diferentes configurações:

– Férias com tudo incluído: o operador organiza os transportes, alojamento, refeições e serviço de guia para as caminhadas diárias;

– Férias auto-guiadas: o operador faz a reserva de alojamento e fornece ao cliente mapas, guias, roteiros e toda a informação e conselhos necessários para que este possa percorrer, de forma autónoma, um conjunto de percursos no destino; pode haver mudança de alojamento e, neste caso, normalmente existe serviço de transporte de bagagens;

– Férias itinerantes: consistem em percorrer um itinerário, ao longo de vários dias, mudando de alojamento todas as noites. Podem ser guiadas ou auto-guiadas. Incluem, geralmente, o transporte de bagagens entre os alojamentos;

– Férias centradas num local de alojamento, com saídas diárias para percursos diferentes, ou para pontos diferentes de um grande itinerário. Incluem o transporte

diário do alojamento para o local de início do percurso e regresso. Normalmente são passeios guiados, mas também podem ser auto-guiados;

– Serviços individuais: alguns operadores vendem serviços avulsos, a pedido do cliente, como por exemplo reserva de alojamento, guias locais no destino ou transporte de bagagens entre pontos de um itinerário definido pelo cliente.

A generalidade da oferta de produtos turísticos que têm por base o passeio pedestre, leva os seus participantes a conhecer áreas de paisagens de elevada qualidade, costumes e tradições das regiões visitadas, oferecendo serviços altamente especializados e um certo grau de exclusividade. O nível e tipo de serviços varia de programa para programa. Por exemplo, no que diz respeito ao alojamento, todas as fórmulas e tipologias são permitidas: o hotel, o turismo rural, o acampamento, ou os abrigos de montanha, podendo mesmo acontecer um pacote incluir uma noite num hotel, outra noite num abrigo de montanha e outra noite num turismo rural. No desenho do produto de passeio pedestre, o elo central são os percursos. O alojamento e refeições, salvaguardando a qualidade e autenticidade, são os que satisfazem melhor as condições de usufruto dos percursos e variam muito consoante o destino.

Pela sua relação com o território e com o meio natural a maioria destes programas enquadra-se no âmbito do turismo de natureza, onde, por definição, a motivação principal é a de “viver experiências de grande valor simbólico, interagir e usufruir da natureza” (THR, 2006).

Importa sublinhar que o turismo de natureza, de acordo com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (2007-2015), faz parte do conjunto de 10 produtos turísticos estratégicos para Portugal, definidos tendo em conta as características do país e o potencial de crescimento do mercado (TURISMO DE PORTUGAL, 2007).

Na perspectiva do já citado estudo da THR, o mercado europeu de turismo de natureza apresentou nos últimos anos um crescimento regular. Em 2004, foram realizados 22 milhões de viagens cuja principal motivação foi usufruir deste produto, correspondendo a 9% do total de viagens realizadas pelos europeus. Para 2015 espera-se que este produto atinja os 43,3 milhões de viagens, o equivalente a um crescimento anual de 7%.

As oportunidades de crescimento estão relacionadas com os seguintes factores: maior e crescente consciência ambiental entre a população dos países emissores;

aumento da preferência por áreas envolventes não massificadas como destino de viagem; crescente preferência por férias activas em detrimento de férias passivas (procura de emoções); aumento da procura de experiências com elevado conteúdo de autenticidade e de valores éticos; tirar partido das valências “património e cultura”; forte presença de oferta de viagens de natureza na internet, acessíveis a uma fatia crescente da população (THR, 2006).

Existe para este produto uma importante procura secundária. A procura secundária de turismo de natureza é o conjunto das viagens que obedecem a outras motivações principais (sol e praia, *touring*, etc.) mas nas quais os viajantes realizam, com maior ou menor intensidade, actividades relacionadas com a natureza, quando se encontram no destino (THR, 2006).

Havendo condições para o desenvolver, o turismo de passeio pedestre, enquadrado no âmbito do turismo de natureza, poderá constituir um produto a incrementar no país, com impactos importantes para alguns destinos internos, seja ao nível da sua revitalização, seja ao nível da sua afirmação como destinos turísticos. As regiões definidas como prioritárias para o desenvolvimento do turismo de natureza são os Açores, a Madeira, o Porto e Norte e o Centro (TURISMO DE PORTUGAL, 2007).

4 OFERTA (EMPRESAS E PROGRAMAS) DE TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE EM PORTUGAL

Em Portugal, a organização e venda de actividades recreativas, desportivas ou culturais, em meio natural ou em instalações fixas, de carácter lúdico, com interesse turístico para a região onde se desenvolvam é uma actividade própria das empresas de animação turística⁵.

Os passeios pedestres enquadram-se neste tipo de actividades e a sua organização, com fins comerciais, é feita principalmente pelas empresas de animação turística. De acordo com o quadro legal que estabelece as condições de acesso e de exercício da actividade das empresas de animação turística, também é permitida a organização de programas de passeio pedestre pelas agências de viagens e

⁵ Decreto-Lei 108/2009, de 15 de Maio, n. 1, Artigo 3º.

empreendimentos turísticos, desde que previsto no seu objecto e cumpram o mesmo tipo de condições exigidas às empresas de animação turística, nomeadamente em termos de seguros obrigatórios de acidentes pessoais e de responsabilidade civil⁶.

O Turismo de Portugal mantém um registo das empresas de animação turística e agências de viagens, licenciadas, existentes no país⁷. De acordo com este registo, identificaram-se 161 empresas organizadoras de programas de passeio pedestre (agências de viagens e empresas de animação turística), distribuídas da seguinte forma pelas sete regiões do país: Norte (26%), Lisboa (24%), Centro (14%), Madeira (10%), Açores (10%), Alentejo (9%) e Algarve (7%).

A distribuição geográfica das empresas não permite tirar conclusões sobre os locais onde se realizam os programas. Para tal foram analisados os programas, disponíveis *online*, destas empresas. Segundo a THR (2006), em Portugal, 98% das empresas que operam no sector do turismo de natureza, promovem a sua oferta através da internet. Se bem que a grande maioria das empresas tenha presença na internet, das 161 empresas inventariadas, apenas 62 empresas apresentam *on-line* programas de passeio pedestre.

Os programas de passeio pedestre apresentados, num total de 487, referem o destino, a duração e a modalidade de alojamento e refeições (quadro 1).

Foram considerados todos os tipos de programas, desde que a componente principal fosse o passeio pedestre.

Tipo de Actividade: Passeio pedestre com guia	
Serviços: Organização e acompanhamento da actividade, Seguro, Transporte e Alojamento	
Alojamento: Inclui 2 noites de alojamento (quarto duplo) e pequeno-almoço em Casa de Turismo Rural	
Duração: 2 dias	
Destino / Zona: Serra da Lousã	
Dia 1	Dia 2
Horas efectivas: 4-6 horas	Horas efectivas: 3-5 horas
Distância: 13-15 km	Distância: 11-13 km
Desnível acumulado: 740-230m	Desnível acumulado: 265-550m
Idade mínima/máxima: 14/65; Mínimo de inscrições: 4 pessoas	
Preço: €150,00/pessoa	

QUADRO 1 - EXEMPLO DE UM PROGRAMA DE TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE

FONTE: WAYPOINT – ANIMAÇÃO TURÍSTICA E EVENTOS, LDA. (2010).

⁶ Decreto-Lei 108/2009, de 15 de Maio, n.º 3, Artigo 5.º.

⁷ Disponível em: <<http://www.visitportugal.com/pturismo/Pdf/f37595e5-b6f6-4ba7-b185-30f639f14024.pdf>>. Acesso em: 14/04/2009.

A organização de passeios pedestres em Portugal não é exclusiva das empresas portuguesas, também operadores estrangeiros organizam este tipo de programas no país. A identificação destes operadores, feita por pesquisa no motor de busca Google, inserindo as expressões “*walking holidays Portugal*” e “*walk in Portugal*”⁸, revelou que existe um importante conjunto de operadores estrangeiros que vendem férias de passeio pedestre em Portugal, essencialmente produtos que, pela forma como são apresentados, apelando à beleza da paisagem e riqueza natural, se enquadram na esfera do turismo de natureza.

Da pesquisa efectuada, que apresenta um carácter exploratório, e reconhecendo que foi dada, pelo critério de busca utilizando expressões em língua inglesa, primazia aos operadores que se dirigem ao público anglófono, foram identificados 23 operadores, do Reino Unido, Estados Unidos da América e Austrália, com oferta de 104 programas de férias de passeio pedestre em Portugal. Tal como para os operadores portugueses, consideraram-se apenas os programas que têm o passeio pedestre como componente principal, excluindo-se os programas multi-actividades.⁹

Considerando a totalidade dos programas oferecidos (quase seis centenas) pelos operadores portugueses e estrangeiros é possível identificar particularidades no que concerne à duração, aos serviços incluídos e ao destino.

Os programas de passeio pedestre analisados têm duração variável, encontrando-se com maior frequência programas com duração de vários dias nos operadores estrangeiros (neste universo, a duração não foi inferior a 4 dias) e programas com duração inferior, frequentemente de um dia apenas, nos operadores portugueses (representando 83,6% do total deste universo).

Para o conjunto em estudo, os programas de 1 dia (que representam 69% do total), consistem, geralmente, num passeio pedestre guiado, temático ou não, e os programas de 2 ou mais dias (31% do total) apresentam-se nas diferentes modalidades de férias de passeio pedestre: férias com tudo incluído, férias auto-guiadas, férias itinerantes ou férias centradas num alojamento. Há programas que incluem o transporte

⁸ As pesquisas foram efectuadas entre os dias 30-10-2009 e 5-11-2009.

⁹ Os programas multi-actividades são aqueles que incluem um conjunto diverso de actividades. Um exemplo poderá ser: fim-de-semana no rio Paiva – 1º dia: descida de *rafting* e tiro com arco; 2º dia: passeio pedestre e escalada.

para o destino – a viagem de avião, no caso de operadores estrangeiros – outros que apenas incluem os serviços no destino. Há diferentes tipologias de alojamento utilizadas e também diferentes modalidades no que diz respeito às refeições.

O quadro 2 mostra que a oferta de programas de turismo de passeio pedestre cobre a totalidade do território nacional. A região de Lisboa apresenta um número muito significativo de programas de 1 dia mas perde importância como destino de turismo de passeio pedestre quando se consideram os programas de duração superior. Considerando apenas os programas de 2 ou mais dias de duração, verifica-se que as regiões mais importantes são o Norte (30%), a Madeira (18%) e as regiões Centro, Alentejo e Algarve (14%). Neste universo, a região dos Açores, embora com menor número de programas que as regiões mencionadas, é a região que apresenta maior número de programas com duração superior a 11 dias. Estes incluem a visita a mais que uma ilha do arquipélago. Ainda no que concerne aos programas com duração superior a 1 dia, os programas de passeio pedestre de 1 semana (7 ou 8 dias) são os mais frequentes, em Portugal, seguindo-se os programas de fim-de-semana ou fim-de-semana alargado, com 2 a 6 dias de duração.

REGIÃO	Duração dos programas, em dias						Nº Programas		
	1	2 e 3	4 a 6	7 e 8	9 e 10	>=11	TOTAL	% 1 dia*	% > 1 dia**
Açores	20	1	1	6	0	4	32	5%	7%
Alentejo	37	5	1	18	0	2	63	9%	14%
Algarve	8	4	1	19	0	1	33	2%	14%
Centro	57	19	1	6	0	0	83	14%	14%
Lisboa	130	1	4	0	0	0	135	32%	3%
Madeira	65	1	1	26	3	2	98	16%	18%
Norte	90	26	7	21	0	2	146	22%	30%
TOTAL	407	57	16	96	3	11	590	100%	100%

QUADRO 2 - DURAÇÃO DOS PROGRAMAS DE TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE EM PORTUGAL, POR REGIÃO

* % de programas de 1 dia em relação ao total de programas de 1 dia

** % de programas de 2 ou mais dias em relação ao total de programas de 2 ou mais dias

FONTE: TOVAR (2010)

Observando a duração dos programas em cada uma das regiões destino (quadro 2), podem classificar-se os destinos, de acordo com a duração mais frequente dos programas que acolhem:

- Os Açores, Alentejo, Algarve e Madeira são destinos de programas de 7/8 dias;
- O Centro é destino de programas de 2/3 dias;

- O Norte é destino de programas de 2/3 dias e 7/8 dias;
- Lisboa apresenta um número residual de programas com mais que 1 dia de duração, sendo os mais frequentes os de 4 a 6 dias.

Em cada uma das 7 grandes regiões (Açores, Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa, Madeira e Norte) é possível identificar destinos mais específicos, que constam com maior frequência nos programas de turismo de passeio pedestre (quadro 3). Nesta análise consideram-se todos os programas, incluindo os que têm a duração de 1 dia.

AÇORES		ALGARVE		LISBOA	
Açores	36%	Algarve	46%	Lisboa	7%
Pico	23%	C. Vicentina	20%	PNSA	30%
S. Miguel	35%	Monchique	20%	PNSC	38%
Outros	6%	Outros	14%	Outros	25%
Alentejo		Centro		Norte	
Alentejo	32%	Centro	1%	Norte	6%
PNSSM	11%	PNSE	26%	PNPG	34%
Évora	8%	Aldeias Históricas	11%	Douro	15%
C. Alentejana	38%	Aldeias do Xisto e Serra da Lousã	29%	Serra d'Arga	5%
Outros	11%	Outros	33%	Outros	40%

QUADRO 3 - PRINCIPAIS DESTINOS DE TURISMO DE PASSEIO PEDESTRE NOS PROGRAMAS CONSULTADOS, POR REGIÃO.

FONTE: TOVAR (2010)

Dos programas analisados, para a região dos Açores, grande parte (36%) não menciona o local exacto onde se desenvolvem. 35% têm a ilha de S. Miguel como destino e 23% a ilha do Pico, onde têm relevância os programas de subida ao ponto mais alto de Portugal. Em “outros” destacam-se os programas que envolvem várias ilhas, programas no Faial e na ilha de S. Jorge (quadro 3).

No Alentejo, a preferência dos operadores é a Costa Alentejana (38%), desde Grândola até Odeceixe, integrando a área do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. A área do Parque Natural da Serra de São Mamede (11%) é também um importante destino de turismo de passeio pedestre, na região Alentejo. Em “outros” (11%), encontram-se programas no vale do Guadiana e Mértola, Monsaraz, Serra de Ossa e Estuário do Sado (quadro 3).

Os programas de turismo de passeio pedestre no Algarve, apresentam-se para os destinos Algarve (46%), de forma genérica, Monchique (20%), ou Serra de Monchique, e Costa Vicentina (20%) (quadro 3).

A região Centro apresenta grande fragmentação de destinos de passeio pedestre, muito poucos se identificando por “Centro”. Destinos como Aldeias do Xisto e Serra da Lousã (29%), Parque Natural da Serra da Estrela (26%) ou Aldeias Históricas (11%), são de grande importância. Em “outros” (33%) inclui-se grande variedade de destinos como vale do Ceira, Oliveira do Hospital, Serra do Açor, Serra do Caramulo, Serra da Gardunha, Serra de Sicó, etc. A região apresenta uma importante área de montanhas que se estende de Nordeste para Sudoeste e integra as serras da Estrela, Gardunha, Açor, Lousã e Sicó, com áreas pouco exploradas, que constituem destinos quase exclusivos do rol de ofertas das empresas de animação turística locais (quadro 3).

Os operadores estrangeiros têm uma actuação muito reduzida nesta região. Foram encontrados apenas 2 programas, com duração de 8 dias, em Belmonte.

Essencialmente destino de programas de 1 dia, a região de Lisboa apresenta duas áreas privilegiadas para a realização de passeios pedestres: o Parque Natural da Serra da Arrábida (30%) e o Parque Natural Sintra-Cascais (38%). Outros destinos, nesta região (25%), são a Tapada de Mafra, Serra de Montejunto, Serras d’Aire e Candeeiros, Costa da Caparica, Sesimbra e estuário do Tejo. A cidade de Lisboa não ultrapassa 7% do total (quadro 3).

A região Norte é a única região do país que integra um Parque Nacional – o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) – que representa, segundo os programas analisados, uma das mais importantes áreas (34%) (quadro 3), em Portugal, para a prática de pedestrianismo. No contexto nacional, em números absolutos, é o 2º destino de passeio pedestre mais importante de Portugal continental, sendo apenas superado pelo Parque Natural de Sintra-Cascais. O Douro (15%) é também um importante destino de turismo de passeio pedestre, no Norte de Portugal. Esta sub-região apresenta importância relevante nos programas dos operadores estrangeiros e assume a posição de destino mais importante, no Norte de Portugal, quando se consideram apenas os programas com 2 ou mais dias. Em “Outros” (40%), encontram-se destinos como a Serra da Freita, Serra d’Arga, Vale do Lima, Viana do Castelo, Parque Natural de Montesinho, entre outros (quadro 3).

A região da Madeira aparece, em grande parte dos programas, como destino em si. Os programas, de uma forma genérica, referem “Madeira” ou “Levadas da Madeira”. Assim, no caso desta região, não são considerados diferentes destinos mais específicos.

De acordo com o exposto, pode concluir-se que para todas as regiões de Portugal existe oferta de programas de turismo de passeio pedestre. Abordando destinos mais específicos, destacam-se as áreas de montanha e as áreas protegidas (parque nacional e parques naturais), muitas vezes coincidentes, em todas as regiões do país, o Douro, no Norte, e as Aldeias Históricas e Aldeias do Xisto, no Centro.

Estes três últimos destinos, e particularmente o destino Aldeias do Xisto, são destinos que se afirmam pela cuidada revitalização do património construído de micro-territórios de baixa densidade, para fins turísticos, e que integram interessantes elementos culturais e paisagísticos. Os percursos pedestres são assumidos como factor de inovação e parte integrante do produto turístico a desenvolver.

5 CONCLUSÃO

Os percursos pedestres, caminhos preparados para a prática do pedestrianismo, no contexto das actividades de lazer de ar livre, tal como o número de interessados na prática desta actividade, conheceram nos últimos anos um importante impulso.

O passeio pedestre é actualmente “uma actividade muito divulgada entre a população dos países europeus, evoluindo da categoria de um lazer informal para uma verdadeira acção turística, potencialmente geradora de benefícios a nível local.” (KOUCHNER e LYARD, 2001: 5). Os percursos pedestres assumem importância como forma de complementar a experiência do turista num determinado destino, ao constituírem mais uma oferta de actividade em que o turista pode participar, mas também podem assumir o papel principal no produto turístico e constituírem a razão da deslocação ao destino.

Em Portugal, existem (quase) 3500 quilómetros de percursos pedestres homologados, distribuídos pela totalidade do território nacional, com excepção do arquipélago dos Açores (onde existe uma importante oferta deste tipo de equipamento, embora não homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal), com destaque para a preferência pelas áreas de montanha e de elevado interesse natural (como a Rede Nacional de Áreas Protegidas e a Rede Natura 2000), e também existe um relevante conjunto de operadores (nacionais e estrangeiros) especializados na oferta de

produtos de turismo de passeio pedestre (através de modalidades, destinos e duração variável).

Grande parte dos programas organizados por empresas portuguesas corresponde a programas de 1 dia, sendo escassa, em comparação com o que oferecem os operadores estrangeiros, a oferta de programas com duração superior a 4 dias, o que revela um subaproveitamento da oportunidade de oferecer programas de turismo de passeio pedestre estruturados.

Destacam-se as regiões Norte e Lisboa, quando se consideram os programas de 1 dia. A apreciação de programas com duração superior confere a importância da região Norte, e faz sobressair também as regiões da Madeira, Algarve, Alentejo e Centro, como principais destinos de turismo de passeio pedestre em Portugal.

No que diz respeito a destinos mais específicos, destacam-se as áreas protegidas (parque nacional e parques naturais), em todas as regiões do país, o Douro, no Norte, e as Aldeias Históricas e Aldeias do Xisto, no Centro.

Considera-se assim que as áreas de grande interesse natural e as áreas de montanha são aquelas com maior potencial de desenvolvimento de produtos de turismo de passeio pedestre. O turismo pode mesmo constituir uma oportunidade de as revitalizar, diversificando a sua base de sustentação, uma vez que estas apresentam, muitas vezes, graves problemas económicos e sociais que vão levando à perda de população e abandono dos espaços.

6 REFERÊNCIAS

BIETOLINI, A. **Manual de caminhada – trekking**. Arte Plural Edições, 2007.

CALIXTO, V.; DORES, A. **Guia de percursos pedestres (Algarve)**. Faro; Região de Turismo do Algarve e Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2008.

EUROPEAN RAMBLERS ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.era-ewv-ferp.com/>>. Acesso em: 02-09-2009.

FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL. Disponível em: <<http://www.fcportugal.com/>>. Acesso em: 17-04-2009.

HALL, C.; PAGE, S. **The Geography of Tourism and Recreation. Environment, place and space.** London and New York; Routledge, 2006.

KOUCHNER, F; LYARD, J. A valorização do turismo de passeio pedestre nos territórios rurais – Guia pedagógico para a elaboração e execução de um projecto de passeio pedestre. **Inovação em meio rural**, Caderno n. 12, 2001. Disponível em: <www.ec.europa.eu/agriculture/rur/leader2/rural-pt/biblio/walking/walking.pdf>. Acesso em: 12/01/2009.

MINISTÉRIO DO AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO. **Atlas Português do Ambiente.** Disponível em: <<http://www2.apambiente.pt/atlas/est/index.jsp>>. Acesso em: 28-01-2010.

PEARCE, D.; BUTLER, R. **Contemporary issues in tourism development.** London and New York; Routledge, 2005.

RODRIGUES, A. **Trilhos pedestres e turismo:** análise exploratória ao mercado dos trilhos pedestres em Portugal. Dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2004

THR. **Turismo de Natureza.** Lisboa; Turismo de Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Proturismo/ProdutoseDestinosturisticos/ProdutosTuristicos/TurismodeNatureza/Anexos/TURISMO%20De%20Natureza.pdf>>. Acesso em: 16-02-2009.

TOVAR, Z. **Pedestrianismo, percursos pedestres e turismo de passeio pedestre em Portugal.** Dissertação de Mestrado em Turismo (Gestão Estratégica de Destinos Turísticos), Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2010.

TURISMO DE PORTUGAL. **Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal.** Lisboa, 2007. Disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/conhecimento/planoestrategiconacionaldoturismo/Anexos/PENT_VERSAO_REVISTA_PT.pdf>. Acesso em: 11-2-2010.

WAYPOINT – Animação Turística e Eventos, Lda. Disponível em: <http://www.walkinportugal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=84&lang=pt>. Acesso em: 22/02/2010.

Recebido em: 27-06-2011.

Aprovado em: 27-07-2011.